



TRAGÉDIA NO SUL

Pescadores lamentam perdas e relatam que estão impedidos de seguir com a atividade devido à poluição e à falta de peixes. Presidente de sindicato estima que o valor de R\$ 10 milhões não cobriria prejuízos à categoria

Pesca é paralisada pelas enchentes

» MAYARA SOUTO
» ENVIADA ESPECIAL

Capão da Canoa (RS) — Os pescadores gaúchos enfrentam uma crise da atividade econômica, em meio à maior tragédia ambiental vivida pelo estado. A pesca artesanal, de pequeno e médio porte, foi a mais prejudicada pelas enchentes deste ano e de 2023. Ao **Correio**, representantes do setor comentaram a situação nas águas doces e salgadas neste momento.

“A pesca artesanal acaba sendo a mais impactada (pelas chuvas). Em São Lourenço, Rio Grande e Pelotas, por exemplo, há colônias totalmente envolvidas com essa atividade, e os prejuízos são significativos. A população ribeirinha que sobreviveu perdeu tudo. É uma tragédia. Nunca vi nada parecido”, conta Torquato Pontes Neto, presidente do Sindicato da Indústria da Pesca, de Doces e de Conservas Alimentícias do Rio Grande do Sul (Sindipesca-RS).

As cidades citadas por ele são banhadas pela Lagoa dos Patos e inundaram devido à cheia do afluente, que recebeu o alto volume do Guaíba, na capital gaúcha, com recorde de 5,33 metros. Em Pelotas, por exemplo, uma das áreas mais atingidas pela enchente foi a Colônia Z3, na Praia do Laranjal, que é uma comunidade de pescadores.

A prefeita do município, Paula Mascarenhas (PSDB), acredita que, só no local, o prejuízo é de, pelo menos, R\$ 12 milhões. O presidente do Sindipesca-RS concorda com a chefe do Executivo. Segundo ele, “R\$ 10 milhões não resolveriam a situação”. O impacto é sentido na pesca e comercialização de peixes

Gustavo Mansur/ Palácio Piratini



Cidades banhadas pela Lagoa dos Patos estão entre as mais afetadas pela cheia do afluente, que recebeu o alto volume do Guaíba

de água doce, como camarão, bagre, papa-terra e traíra.

Na costa norte do estado, a pesca marítima sofre com a poluição do mar e a consequente falta de peixes, como tainha e anchova. “A gente não consegue mais pescar porque o mar não se ajeita mais e não tem como colocar as redes por causa do lixo. É uma quantidade grande de grama, boné, saco plástico, óculos... Da Lagoa dos Patos desceu tudo para o

nosso mar. Está difícil pegar peixe neste ano”, lamenta Carlos Roberto Fernandes, 54 anos, pescador de Capão da Canoa, no litoral norte.

O gaúcho avalia que, nas enchentes anteriores, a chuva não interferiu tanto na pesca como agora. “Eu trabalho com pesca há 30 anos e não tinha visto algo assim ainda, o mar não deixa a gente pescar. É uma ressaca atrás da outra, estou com a rede lá fora, mas está

arrebentada por conta da força do mar”, acrescenta o pescador. Toda a renda da família vem de uma peixaria que sofre em dose dupla, pela falta de peixe para vender e pela baixa demanda.

Segundo Carlos, grande parte dos compradores são da capital gaúcha e, com as enchentes, eles não têm ido em busca dos peixes: “A maioria das pessoas perdeu tudo”. Ainda de acordo com ele, a

estimativa de venda para o ano é de 1 tonelada e, em cinco meses, foram apenas 50 quilos vendidos. “Vai ser muito tempo para a gente se reequilibrar. Esse ano nós vamos patinar, só vamos começar a nos equilibrar no ano que vem”, avalia.

Recuperação financeira

A situação crítica também é sentida por Rudinei Silva Nascimento,

45, pescador do litoral norte. “Estou trabalhando em outra atividade agora, porque não consigo pescar há 40 dias. O meu cabo de pesca rompeu com a força da água e não consigo entrar no mar. Perdi aproximadamente 88% da minha pesca embarcada”, conta o gaúcho, que precisou começar a trabalhar na construção civil para se manter financeiramente.

Rudinei ainda conta que havia financiado um barco em 2023, após a boa safra em 2022, mas precisou prorrogar o pagamento para este ano devido aos prejuízos na sua atividade econômica. Para ele, desde as enchentes de novembro do ano passado, o mar começou a ficar muito ruim para a pesca. Carlos concorda com o colega.

“As pessoas não respeitam mais a natureza. Antes chovia direto, mas não tinha enchente porque tinha bastante verde. Os rios eram respeitados, o mar era respeitado”, diz o pescador, que atribui a “culpa” da situação enfrentada à falta de cuidado com o meio ambiente.

Quanto à recuperação financeira, Torquato Neto afirma que o Ministério da Pesca e de Aquicultura o procurou para saber quais são as necessidades do setor. Ele diz que ainda não tem resposta, pois os pescadores estão em fase de levantamento das perdas materiais. Segundo ele, para a pesca artesanal será necessário desde a reconstrução das moradias, até o auxílio financeiro para recuperar os materiais de pesca.

Até o momento, o governo federal não anunciou nenhum aporte específico para pescadores afetados pelas enchentes, embora já tenha destinado verba para a recuperação da agricultura no estado.

EMPREENDEDORISMO

Seringueiro ressignifica extração do látex na Amazônia

» JAQUELINE FONSECA

O Brasil exporta cerca de 45 mil toneladas de borracha natural, ou látex, anualmente. Um mercado que movimentou US\$ 73 milhões no ano passado, segundo o sistema de dados do comércio exterior brasileiro gerido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviço (Mdic). São Paulo é o estado que mais produz e exporta látex — responsável por 70% da produção nacional.

Embora os números pareçam expressivos, a exportação do látex brasileiro está em queda. Entre 2023 e 2024 a redução foi de 21% e, segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), a atividade está em crise, pois enfrenta preços de comercialização muito baixos, em patamar que inviabiliza a manutenção da produção. Além disso, a borracha brasileira tem um custo de produção maior do que a asiática.

De acordo com a Federação da Agricultura e Pecuária do estado de São Paulo (Faesp), um dos grandes problemas em relação à competitividade do produto nacional com o asiático é o alto custo atribuído à implantação e à manutenção dos seringais brasileiros,

uma vez que toda a operação de extração do látex ocorre manualmente no país. Esses trabalhadores são chamados de sangradores, responsáveis pelo manejo na sangria e obtenção do produto final.

Hoje, no meio da Amazônia, descendentes desses trabalhadores recontam as histórias dos pais e avós e alguns ressignificam a missão empregada em 1945 por meio do empreendedorismo, mantendo a dinâmica da sustentabilidade e respeito à floresta. É o caso do José Rodrigues de Araújo, 51 anos, conhecido no mundo todo como Doutor da Borracha.

Nascido no Acre, o Doutor da Borracha vive na cidade de Epitaciolândia, um município com pouco mais de 18 mil habitantes. Ele extrai látex e produz sapatos e acessórios originais, de forma manual e artesanal, e comercializa o produto amazônico para o mundo todo.

A marca “Dr da Borracha” foi criada em 2007, e atualmente é vendida em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte. Clientes fiéis também usam o produto nos Estados Unidos, Portugal, Grécia, China e Suíça. Os sapatos de borracha de seringa já desfilaram na Expo Milão, na Itália,

Reprodução Dr da Borracha



Empresário uniu os saberes tradicionais e tecnologia para fundar marca de acessórios de borracha

em 2014. “Nós vendemos bem. Eu sempre me surpreendo, porque todo dia aparecem pessoas novas. E quem já comprou há 10 anos sempre procura comprar um modelo novo todo ano e fica divulgando para os amigos, dizendo que o calçado é bom”, afirma.

Toda produção, desde a extração do látex, até a confecção dos sapatos, é feita pela família do José e alguns vizinhos. Cerca de 10 pessoas estão envolvidas no processo,

inclusive, o desenho e elaboração do design dos sapatos. O empresário participou de cursos e capacitações onde uniu os saberes tradicionais a técnicas desenvolvidas pelo professor Floriano Pastore Júnior, por meio do projeto de Tecnologias de Borracha para a Amazônia para a confecção da Folha de Defumação Líquida (FDL).

“O doutor pegou essa técnica e fez uma coisa espetacular: desenvolveu uma técnica para colar

uma tira à outra sem descolar depois, e com isso ele desenvolveu uma versatilidade muito grande e faz sapatos maravilhosos”, relata o pesquisador.

Reconhecimento global

O trabalho desenvolvido pelo Doutor da Borracha rendeu a José Rodrigues de Araújo reconhecimento global. Ele carregou a Tocha Olímpica em 2016, durante



Nós vendemos bem. Eu sempre me surpreendo, porque todo dia aparecem pessoas novas. E quem já comprou há 10 anos sempre procura comprar um modelo novo todo ano e fica divulgando para os amigos, dizendo que o calçado é bom”

José Rodrigues de Araújo, seringueiro

passagem pelo Norte do país, e recebeu prêmios mundiais de empreendedorismo e turismo sustentável. “Eu fui considerado um dos maiores ambientalistas do mundo em 2006 e 2022, no Top 100 mundial. O Parque Ecológico Doutor da Borracha virou ponto turístico, e hoje estou montando um ambiente para contar a história do seringueiro, quando eles vieram do Nordeste para a Amazônia”, conta o seringueiro.